

**PROJETO MEMÓRIA PIBID HISTÓRIA UFRJ: “NARRATIVAS DE SI”,
FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE HISTÓRIA**

Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro¹
Mariana Oliveira Amorim²
Viviane Grace Costa³

Resumo: Esse trabalho apresenta-se como um dos caminhos investigativos da pesquisa “Tempo Presente no Ensino de História, Historiografia, Cultura e Didática em diferentes contextos curriculares”, coordenada pela Dr.^a Ana M. Monteiro, vinculado ao LEPEH - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História, UFRJ. A proposta aqui apresentada busca relacionar: a) as “narrativas de si” (Delory-Momberger, 2012; Amorim e Monteiro, 2015) de licenciandos e professores de História, b) seus processos de formação inicial e continuada e c) o ensino de História no tempo presente. A partir da “Palestra/Oficina Projeto Memória PIBID UFRJ: ‘Narrativas de si’ no ensino de História”, realizada em 24/05/2017, no IH/UFRJ, no âmbito das atividades do PIBID de História da UFRJ, iniciamos o processo de escuta e troca de vivências com professores da educação básica, licenciandos de História da UFRJ e professores formadores da Educação e da História, da mesma instituição, a partir dos quais foi possível trabalhar e compartilhar histórias de vida e produzir narrativas sobre os percursos formativos, sobre as práticas docentes e sobre as relações com a profissão e com as escolas. O objetivo da atividade foi dar início à inscrição da história de vida dos atores envolvidos em uma dinâmica prospectiva, buscando a produção de projetos pessoais como linhas de fuga aos padrões estabelecidos. A partir de Nóvoa (2016), Gauthier (1998) e Monteiro (2015, 2016) argumentamos: a profissão docente é um “ofício sem saberes” ou é um “ofício feito de saberes”? Como as “narrativas de si” podem nos ajudar a responder essa questão? Como esses sujeitos se constituem professores? Que percursos pessoais e profissionais trilharam e quais os sentidos de ensino de História podem ser produzidos? Buscamos, com essas questões, afirmar a potencialidade da relação entre as “narrativas de si”, a formação docente e o ensino de História no tempo presente.

Palavras-chave: Ensino de história- Tempo presente –Formação de professores – PIBID – narrativas de si

¹ Doutora em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. anamonteiro22@gmail.com

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE/UFRJ. molamorim@gmail.com

³ Professora de História da educação básica - SEEDUC/RJ. Especialista em ensino de História – CESPEB-FE/UFRJ. vigrace@terra.com.br

1- INTRODUÇÃO:

O presente artigo insere-se no bojo das pesquisas realizadas a partir do projeto intitulado “Tempo Presente no Ensino de História, Historiografia, Cultura e Didática em diferentes contextos curriculares”, coordenado pela Dr.^a Ana Maria Monteiro, vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História da UFRJ –LEPEH/UFRJ, que entre 2014 e 2017 buscou analisar os saberes e práticas criados e mobilizados no fazer curricular de História, considerando as articulações entre historiografia, cultura, didática e questões do tempo presente em diversos contextos e compreendendo os processos de didatização, segundo Monteiro, enquanto práticas discursivas por meio das quais significados são afirmados, questionados, negociados e fixados. Dessas pesquisas, publicamos um artigo (MONTEIRO e AMORIM, 2015) que, pela primeira vez, utilizou o conceito de “narrativas de si”, de Delory-Momberger, em análises de aulas de “professores marcantes”⁴ de História.

Já no texto que aqui apresentamos, buscamos analisar as “narrativas de si” produzidas pelos licenciandos e professores de História que participaram da palestra/oficina “Projeto Memória PIBID UFRJ: ‘Narrativas de si’ no ensino de História”, realizada em 24/05/2017, no Instituto de História da UFRJ, no âmbito das atividades do PIBID de História da UFRJ e, a partir delas, compreender seus percursos formativos os sentidos de Ensino de História mobilizados no tempo presente. A partir de Nóvoa (2016), Gauthier (1998) e Monteiro (2015, 2016) algumas das questões que guiaram nossa análise foram: a profissão docente é um ofício sem saberes ou é um ofício feito de saberes? Como as “narrativas de si” podem nos ajudar a responder essa questão? Como esses sujeitos se constituem professores? Que percursos pessoais e profissionais trilharam e quais os sentidos de ensino de História podem ser produzidos?

Assim, este artigo divide-se em três partes: na primeira, discorreremos sobre a Palestra/Oficina que foi desenvolvida no âmbito das atividades do PIBID de História da UFRJ e da construímos a empiria dessa pesquisa, constituída pelas “narrativas de si” de professores e licenciandos de História que participaram da atividade; em seguida, na segunda parte desse

⁴ “Professores marcantes” é categoria de análise criada no âmbito dos projetos de pesquisa coordenados pela professora Dra. Ana Maria Monteiro (2015) para referência a professores de História da educação básica indicados como marcantes por ex-alunos, ou seja, que os auxiliaram a atribuir sentidos aos fatos e contextos objeto de estudo nas aulas de história .

artigo, desenvolvemos a categoria “narrativas de si”, de Delory-Momberger (2008, 2012), com a qual trabalhamos e apresentamos, também, a metodologia proposta para este trabalho; e, por fim, são desenvolvidas as análises a partir das questões iniciais apresentadas no parágrafo anterior.

2. A Palestra/Oficina Projeto Memória PIBID UFRJ: “Narrativas de si” no ensino de História

A formação inicial de professores para os anos finais do ensino fundamental e Ensino Médio no Brasil apresenta ainda muitos desafios a serem enfrentados no sentido de viabilizar sua adequação às demandas para a docência na educação básica face aos desafios do tempo presente. No que se refere ao ensino de História, esta formação é ainda muito marcada pelo contexto dos currículos dos cursos de bacharelado, voltados para a formação para a pesquisa historiográfica. Definir e implementar um currículo voltado para a formação para a docência sem que isso signifique uma “simplificação” continua sendo uma demanda a ser atendida. Nesse sentido, o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, implementado em 2009 pela Capes no Brasil,⁵ tem se revelado uma iniciativa muito bem sucedida ao possibilitar a vivência de situações de pesquisa em ensino nas escolas, em parceria com professores da educação básica. As experiências vivenciadas pelos estudantes no âmbito deste Programa têm demonstrado a viabilidade da aposta na compreensão da docência como um “ofício feito de saberes”(Gauthier,1998) ou seja, que implica na mobilização de múltiplos e diferentes saberes e que tem na ação prática um espaço tempo estratégico e criativo.

Desde 2009, quatro escolas públicas estaduais, foram contempladas com o Projeto *História para que te quero História*, desenvolvido para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ) e , posteriormente, pelo Instituto de História (IH/UFRJ)São elas: *Colégio Estadual Antonio Prado Junior* (2009- atual), *CIEP BRIZOLÃO 303* –

⁵O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica.“Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola”.(Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespid>. Acesso em 18/09/2017.

AYRTON SENNA (2011-atual), *Colégio Estadual João Alfredo* (2016-atual), *Colégio Estadual Paulo de Frontin* (2016- atual), Cada escola, com seus diferentes contextos curriculares, com suas singularidades e sua “cultura escolar” (FORQUIN, 1993).⁶

2.1 O projeto Memória PIBID UFRJ

Um dos objetivos do PIBID HISTÓRIA UFRJ é contribuir para a construção de uma *cultura histórica* no seio da comunidade escolar. Dentre diversas atividades previstas desenvolvemos o **Projeto Memória**: Produção e organização dos registros de Memórias de/na escola, construindo um **Projeto Memória** em cada uma das escolas. (MONTEIRO, 2013)

Neste contexto foi proposta uma pesquisa intitulada “*A Invenção das Nossas Escolas Estaduais do Rio De Janeiro: Projeto Memória PIBID HISTÓRIA / UFRJ*”, refletindo como o PIBID HISTÓRIA vem pensando o Projeto Memória no período de 2009 a 2017.

Apesar de os alunos permanecerem e conviverem na escola, no Ensino Médio, por pelo menos três anos, a relação da escola com a cidade nem sempre é claramente compreendida. Muitas vezes, nós professores não focalizamos esta relação que pode ser abordada do ponto de vista histórico, geográfico, administrativo, sociológico, arquitetônico, etc. Nesse contexto, questões podem ser apresentadas de forma a dar continuidade ao processo de construção da memória e de historicização desenvolvido nas aulas de História. Na escola alunos, professores entram e saem durante anos, e muitas vezes não discutem a política educacional e curricular presentes naquele contexto, naquele local geográfico, naquela arquitetura e nos projetos políticos pedagógicos (GRACE COSTA, 2017, p 2). Assim, compreendemos a importância de abordar a Escola, sua história e relação com a cidade de forma a possibilitar sua compreensão como “lugar” de afetos, aprendizagens, de vivências e experiências comuns. Lugar público, instituição pública, escola pública.

⁶Protagonizando a Coordenação do PIBID História UFRJ em diferentes períodos, tivemos as professoras Dra Carmen Teresa Gabriel (2011-2013) e Dra Ana Maria Monteiro (2013-2014), Dra Cinthia Araújo (FE/UFRJ-2014 - atual). Posteriormente, a partir de 2014,(agregou) o projeto contou com a parceria do Instituto de História (IH) da UFRJ, tendo como coordenadores, Dra Regina Maria da Cunha Bustamante (IH/UFRJ - 2014) e Dr. Fernando Castro (IH/UFRJ- 2015 – atual). Compõem ainda a Equipe do Projeto 4 professores supervisores de História do Ensino Médio, 24 licenciandos do **curso de Graduação de História** distribuídos em **grupos de 6 em 4 escolas** da rede pública estadual de Ensino Médio do estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, suspeitamos que o PIBID História UFRJ tem aspectos semelhantes com a proposta de Antônio Nóvoa para formação inicial e continuada de professores do século XXI. Antônio Nóvoa (2016) propôs uma “Casa Comum” onde apresenta um “Desenho Curricular”, objetivando “Firmar Posição” profissional, através de cinco eixos que podem ser resumidos da seguinte forma: 1) *Disposição Pessoal*– capacidade de trabalhar as nossas histórias pessoais, as nossas histórias de vida, nossas relações com a profissão. Trabalho de autoconhecimento, muitas vezes ausente na profissão docente; 2) *Composição Pedagógica* – a subjetividade de cada professor. Uma maneira própria de ser professor. Uma pedagogia própria do professor. O conhecimento profissional docente; 3) *Interposição Profissional* – é preciso que os jovens estudantes aprendam a conquistar a sua posição no interior da profissão. A profissão está envolvida na dimensão individual e coletiva, que é a ideia do professor com seus alunos; 4) *Proposição Institucional*– a capacidade de participar do projeto educativo da nossa escola, da instituição escolar, um projeto que nós nos inscrevemos no interior concreto de uma escola e 5) *Exposição Pública* – trabalhar no espaço público da educação, na comunidade, na relação com a sociedade, com a cidade, na participação das políticas públicas, de decisões sobre educação. Nóvoa (2016) conclui com a seguinte indagação:

como que eu me formo como profissional, encontrando minha própria maneira de ser professor, em conjunto com outros profissionais, pesquisando e agindo no espaço institucional da escola, sem nunca esquecer o exercício público da minha profissão?

O PIBID HISTÓRIA UFRJ pode ser considerado essa “Casa Comum”? Desde sua origem em 2009, apresenta esse formato contemplando os cinco eixos na formação inicial e continuada dos professores? Os Coordenadores, Professores Supervisores e Licenciandos trabalham suas autobiografias, suas histórias e o autoconhecimento? São realizadas pesquisas, associando teoria e prática com problemas específicos da escola e da disciplina História? Os PIBIDs, saem da sala de aula, do espaço escolar, discutem problemas da profissão professor e políticas públicas da educação? Exploram a cidade do Rio de Janeiro para abordar a História? Esses, dentre outros que surgirem no caminho, são questionamentos que pretendemos abordar na pesquisa (GRACE COSTA, 2017, p 4-5).

Para firmar a “Disposição Pessoal” foi realizada a “Palestra/Oficina: Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ “Narrativas de si” no Ensino de História” iniciando o processo de escuta e troca de vivências com professores da educação básica, licenciandos de História da

UFRJ, Professores Formadores da Educação e da História da UFRJ, objetivando multiplicar a oficina com os alunos das escolas Públicas Estaduais envolvidas no Projeto PIBID HISTÓRIA UFRJ.

A palestra/oficina aconteceu no dia 24/05/2017, no Instituto de História da UFRJ. No primeiro momento, foi ministrada por Mariana Amorim a Palestra sobre “Narrativa de Si no Ensino de História” com aporte teórico de Delory-Momberger (2012). Neste momento tivemos grande interesse dos licenciandos, despertando inclusive, em uma delas, o desejo de operar com esse referencial teórico de pesquisa biográfica para sua monografia final de curso. No segundo momento, foi realizada a atividade “Minha Vida, Minha História”, por Viviane Grace Costa seguindo a seguinte sequência: a) distribuição para leitura coletiva “Minha História” com fatos, datas e acontecimentos da vida individual, familiar, escolar, profissional, sexo-afetiva, comprovando com documentos, fotos, vídeo sobre memória da família; b) comentários sobre fontes e documentos, problematizando a interpretação dos elementos citados acima; c) foi solicitado, aos participantes, que escrevessem sobre suas vidas e suas histórias com datas e fatos importantes, incluindo atividades escolares e profissionais; e d) leitura das “narrativas de si”, de cada um dos participantes, para todo o grupo. Participaram da atividade, confeccionando suas narrativas, 14 licenciandos: 8 mulheres, 6 homens; três professoras e um professor supervisor; e dois coordenadores do PIBID, além das duas pesquisadoras. A partir dessa atividade, construímos a empiria dessa pesquisa, que se constitui das “narrativas de si” dos professores e dos licenciandos de História – chave conceitual que será definida nas páginas seguintes.

3. As “narrativas de si” como ferramentas de análise

Utilizamos, nesse trabalho, o conceito de “narrativas de si” tal como desenvolvido por Delory-Momberger (2008, 2012), a partir do campo da Pesquisa Biográfica, que designa a narrativa (auto)biográfica, a narrativa de si, como uma “hermenêutica da ‘história de vida’, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo”, no interior de uma narrativa (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56). Assim, para compreendermos melhor

o conceito de “narrativas de si” são necessárias as definições de narrativa, de história e de sujeito com os quais a autora trabalha.

Delory-Momberger utiliza o conceito de narrativa desenvolvido por Paul Ricoeur em “Tempo e Narrativa”. Nessa obra, Ricoeur (1997) desenvolve o conceito de “operação historiográfica”, que remete à produção da história acadêmica e consiste, de acordo com Reis (2006), na interação entre vivência (tempo vivido) e reconhecimento (narrativa). A partir desta concepção, Delory-Momberger defende que a narrativa apresenta-se como o discurso no qual inscrevemos nossa vida, ou ainda, para retomar a terminologia de Paul Ricoeur (1997), como o “operador da tessitura da intriga”, mediante a qual fazemos de nossa vida uma história:

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para a sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo a sua contribuição na realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos narrativas de nossa vida porque temos uma história, temos uma história porque fazemos narrativa de nossa vida (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37).

Desse modo, Delory-Momberger parte da ideia de narrativa como uma operação de configuração, como um “operador da tessitura da intriga” e a noção de história, por sua vez, como uma configuração narrativa. Ou seja, segundo a autora “nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossas vidas” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 97). Delory-Momberger desenvolve o conceito de “biografização” e o apresenta como uma ação permanente de “figuração de si” que é concomitante à ação do sujeito ao narrar sua história. Assim, segundo a autora, não há uma história prévia (com sentidos definidos) que possa ser contada. A história só é possível por meio da narrativa, que a cria e a atualiza no momento da ação de narrar. Essa “biografização” é designada como “uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e de significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

Já a questão do sujeito, de acordo com Delory-Momberger, está vinculada à linguagem, por ser a linguagem “o lugar no qual se fabricam, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma ‘história’ e o ‘sujeito’ dessa história” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 98). Segundo a autora, o que chamamos de “sujeito”

não é um dado do qual poderíamos constatar a existência e demonstrar o estado, mas uma construção sempre em ato, ou seja, um conjunto dinâmico de operações, um processo. O sujeito não cessa de se instituir como sujeito; ele é o objeto incessante de sua própria instituição (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 99).

O conceito de “narrativas de si” de Delory-Momberger compreende, assim, a noção de história como uma configuração narrativa e a noção de narrativa, por sua vez, como uma operação de configuração, atribuindo às histórias de vida um fechamento, uma totalização: um início, um meio e um fim (DELORY-MOMBERGER, 2012a, p. 73-74). Além desses dois conceitos, de história e de narrativa, a ideia de narrativas de si também é composta por uma definição específica de sujeito “como construção sempre em ato, ou seja, um conjunto dinâmico de operações, um processo” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 99).

Para o trabalho que aqui se desenvolve, é importante citar que, de acordo com Delory-Momberger:

A reflexão biográfica não forma o sujeito em alguma disciplina em particular; ela prepara e dispõe o sujeito para a *formabilidade*, ou seja, para a sua capacidade de tomar consciência de si como aprendente, de saber observar o que aprende e como aprende, e de decidir sobre o que fazer com o que aprendeu (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.18-19).

E é isso que buscamos ao propor aos alunos a produção de narrativas de si, por meio da escrita: propor que os licenciandos de História tomem consciência de si como “aprendentes”, já que de acordo com Delory-Momberger, ao (re)fazer sua História de vida, o próprio indivíduo se forma – permitindo agir sobre si mesmo e sobre seu ambiente, de acordo com o sentido e com a finalidade de um projeto que tenha de futuro. Para tanto, em termos metodológicos, partimos da ideia dos “ateliês biográficos de projeto” Delory-Momberger (2006) para realizar a “Palestra/Oficina: Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ “Narrativas de si” no Ensino de História” e provocar licenciandos e professores a produzirem suas narrativas de si. Segundo a autora, os procedimentos de formação conduzidos sob a forma de ateliês biográficos de projeto destinam-se a considerar a dimensão da narrativa como construção da experiência do sujeito, e da história de vida como espaço de

“formabilidade” (*formabilité*) aberto ao projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366).

Delory-Momberger (2006) desenvolve, metodologicamente, as etapas dos ateliês biográficos de projeto, que podem ser resumidas da seguinte forma: 1) *Informações* – momento no qual são apresentadas aos alunos as concepções do projeto que se pretende desenvolver; 2) *Elaboração de um contrato biográfico* – no qual todos os envolvidos firmam o compromisso de participar, lembrando que a qualquer momento podem escolher, por algum motivo, se retirar do processo; 3 e 4) *Primeira narrativa autobiográfica*; 5) *Socialização da narrativa* – momento em que as narrativas são lidas em voz alta para todos; 6) *Síntese* – após reescreverem suas narrativas, cada participante apresenta e argumenta seu projeto; e 7) *Balanço geral do ateliê* (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366-367).

Na Palestra/Oficina por nós desenvolvida no âmbito do PIBID HISTÓRIA UFRJ, não contemplamos todos os passos do ateliê de Delory-Momberger que, é bom frisar, desenvolve cada etapa em dias e semanas diferentes. No entanto, essa metodologia dos ateliês nos inspirou e, em um mesmo dia, realizamos os seguintes procedimentos: apresentamos, para os alunos e professores presentes, o conceito de narrativas de si, de Delory-Momberger e discutimos sobre as potencialidades dos ateliês biográficos de projeto; apresentamos as concepções da proposta que pretendíamos desenvolver; elaboramos um contrato biográfico naquele momento, com os participantes; propomos a produção de narrativas de si, tendo como eixos problematizadores a vida pessoal dos participantes e seus processos formativos; e socializamos as narrativas, lendo-as em voz alta para todos os presentes. Essa proposta de ateliês biográficos de projeto propõe tanto escrita de si como escuta da escrita dos outros (a heterobiografia), sendo muito importante essa troca para a constituição dos projetos individuais. Segundo Delory-Momberger:

A narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se, alargar seu horizonte; onde ela se põe a prova como *escrita de si*. A narrativa do outro é, de certo modo, um laboratório das operações de biografização que realizamos sobre nossa própria vida, nas condições de nossas inscrições sócio-históricas e nossos pertencimentos culturais. Ao solicitar nossas representações e nossos saberes de experiências, a narrativa do outro nos remete à *figuração narrativa* na qual nos produzimos como *sujeito* de nossa *biografia* (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.62).

E, de fato, sentimos isso ao escutar todas as narrativas produzidas no espaço-tempo daquela atividade. Após escutarmos as narrativas dos outros, sentimos necessidade de

revisitar as nossas e reelaborá-las, levando em consideração os elementos apontados pelos outros participantes. No entanto, essa que seria a sexta etapa de um ateliê biográfico de projeto, ou seja, o momento de “síntese” em que os participantes apresentam suas narrativas reelaboradas não foi desenvolvida por nós. Contamos apenas com a escritura das primeiras narrativas de si dos participantes dessa atividade e é sobre elas que serão fundamentadas nossas análises, no texto que se segue.

4. Análises das “narrativas de si” dos licenciandos e professores de História

Ao ler e analisar as primeiras escrituras dos estudantes bolsistas do PIBID História foi possível acessar por meio de suas “narrativas de si” processos, movimentos de construção da “disposição pessoal”, ou seja, “a capacidade de trabalhar as nossas histórias pessoais, as nossas histórias de vida, as nossas relações com a profissão. Trabalho de autoconhecimento, muitas vezes ausente na profissão docente”(Nóvoa, 2016). Instados a escrever sobre o interesse pela profissão de professor, sobre o trabalho com o ensino de história, muitos relatam desinteresses inicial, descrença, resistências, decorrentes de suas experiências escolares como alunos e, alguns, o interesse despertado a partir das aulas de um determinado professor, ou conversas com amigas, vizinhas.... O interessante é perceber que a oficina que induziu a escrita da narrativa levou à reflexão e à organização das vivências, possibilitando uma experiência de relação com a profissão situando-se, criando uma história, sua história...

Sempre fui relutante com a ideia de viver da docência, devido aos problemas já conhecidos. Minha família era bem tranquila com isso, ficavam felizes pelo simples fato de estar estudando, não importa o que fosse. Porém a angustia de ser ou não professor me acompanhou até os primeiros anos da faculdade. Na UFRJ, fui aos poucos fazendo as pazes com a profissão docente e Ensino de História. A entrada no PIBID e as aulas do pré Samora Machel em 2015, foram cruciais para essa decisão. O meu futuro como professor parecia mais atraente e interessante. A sala de aula, de um modo geral, me deixa mais feliz e me torna um ser humano melhor.(LICENCIANDO 9)

Na narrativa, o licenciando destaca o espaço tempo do PIBID como importante para o processo de construção da disposição pessoal e, também, a atuação como professor em um pré-vestibular. Refletir, repensar a docência se constroem nessa oportunidade de escrita da “narrativa de si”.



Outra narrativa, outra construção de um movimento de reconhecimento da mudança de opção disciplinar associado à uma valorização da atividade docente.

Entrei no E.M e sempre fui ligado aos números. A partir do segundo ano o contato com a Prof. Renata faz despertar um interesse questionador que há muito tempo estava em hiato. Mas, por influência social deveria me tornar “rico”. Ser engenheiro seria a opção que contemplaria essa ideia. O contato com o prof. João de Matemática me faz querer seguir a carreira docente visto o relacionamento amigável e totalmente harmonioso que tinha e tem com suas turmas e principalmente comigo. Sai do E.M para fazer Marketing por querer ganhar dinheiro e contemplar o desejo externo. No segundo período tranco a faculdade e lembro que a carreira docente sempre foi um desejo. Me lanço em história, porque a semente dos professores anteriores, já havia sido plantada. Agora florescia mais forte. Acredito que por pensar no ser humano na forma mais geral por minha escolha. um claro reflexo do meu primeiro contato escolar de socialização. (LICENCIANDO 7)⁷

A experiência como aluna é reconhecida neste processo de escritura de “narrativas de si” como influência decisiva para a opção pela carreira docente. Mais um momento de construção da “disposição pessoal” que articula vivências na escola com reflexões sobre a função pública dessa instituição. Essa narrativa confirma a hipótese de Tardif e Raymond (2000) sobre a importância da experiência escolar na formação dos professores e, também nos ajuda a compreender a multiplicidade de saberes que se articulam para a constituição do conhecimento profissional docente.

A escola sempre foi meu principal polo de formação de opinião. E no Ensino Médio eu me encontrei com as Ciências Humanas, principalmente com a História. Foi no Ensino Médio, também, durante minha experiência no Colégio Pedro II que comecei a compreender como a educação tem um papel transformador. E, entendendo ela como principal instrumento para uma mudança na realidade social profunda e verdadeira, pensei que seguir a profissão docente seria a melhor maneira de perseguir meu ideal de sociedade. Já na academia percebi que essa missão é muito mais difícil, e vivo hoje, enquanto graduanda e licencianda, em constante questionamento sobre se serei capaz de ser uma profissional docente.” (LICENCIANDA 5)

Esta narrativa nos permite perceber também como jovens desta geração são provocados e mobilizados pela questão da função “pública” da instituição escolar, debate atual que emerge no contexto das discussões sobre a necessidade de se reinventar a escola criada no contexto da modernidade. Esta crise de legitimidade é mais ampla emerge e envolve o próprio mundo ocidental (GOODSON, p 14).

⁷ Os nomes utilizados na narrativa são fictícios.

Por outro lado, vemos, atualmente, cada vez maior achatamento do passado e do futuro diante de uma “expansão do presente”. Essa expansão, ou mesmo “aceleração do tempo”, pode ser considerada responsável pela perda de sentido de utopias e projetos, memórias e tradições.

Educação, escola, universidade envolvem propósito público, comum, coletivo. Em uma era das incertezas, onde o pensamento moderno, fixo, estável, racional, com sonhos, projetos e objetivos concretos, obras individuais ou do governo, dão lugar ao consumismo, individualismo, interesse pessoal. Como fica a profissão professor para formados e formandos? Nessa nova ordem mundial, onde as organizações são efêmeras, os propósitos singularizados, a disciplina História apresenta um diferencial dentro desse contexto mercadológico? Como esses jovens futuros professores, escolheram a História e mais ainda a profissão professor?

Considerações finais

Nas narrativas dos licenciandos, que participaram da “Palestra/Oficina: Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ “Narrativas de si” no Ensino de História”, que variam de 21 a 30 anos, sendo que a maioria se encontra na faixa de 21 a 24 anos (9 alunos), foi possível perceber o quanto a profissão professor, o contato com a escola pública estadual estimula o sonho por sociedade mais justa, por mundo melhor, o sentimento de busca por tornar-se um “ser humano” melhor.

Nas “narrativas de si” de si citadas, temos exemplos de diversas possibilidades de relação com a profissão docente: pouca atração inicial, e, menos ainda, pela disciplina História; outra nos diz do interesse, vontade constituída desde a escola básica.

Essas considerações, no entanto, não estavam prontas, pré-definidas, antes da escritura das “narrativas de si”. Ao longo da Oficina realizada no contexto do projeto PIBID puderam se constituir em momento de construção da disposição pessoal que, diferentemente do que muitos ainda pensam, não é inata e, sim, resultado das vivências e dos sentidos a elas atribuídos: construções sociais e culturais.

A reflexão sobre “ser humano” apareceu nos depoimentos, relacionada ao coletivo, como positivo, construtivo, preocupação com o social. Esse desejo de atuar na escola, no público, fazer algo pelo “ser humano” se mostra presente em grande parte das narrativas dos

licenciandos. Apesar das influências contrárias, ou da família, ou da sociedade, resistiram. Foram atraídos ou conquistados para o Ensino de História, sendo que o PIBID História UFRJ, representa uma forte influência para desconstruírem uma imagem negativa da Escola Pública e da profissão professor. Diversos relatos colocaram a frustração da família ao escolherem o magistério, uma dessas alunas foi inclusive proibida pela mãe de ingressar no curso de História.

Em 2006, Joana no 3º ano do Ensino Médio, decidiu prestar vestibular para o curso de História da UFMG, sonhando em responder seus questionamentos infundáveis e sonhando em quebrar padrões quando fosse professora? Professora?! Essa foi a pergunta de sua mãe ao dizer que ela queria fazer História. E assim iriam proibir Joana de ir para o curso de História com a justificativa de que era muito nova e iria mudar de idéia.... Depois de anos de Rebelia, Joana se formou em Gestão Ambiental no INAP em BH... Largou engenharia civil... e voltou ao sonho original, foi cursar História na UFRJ para especializar-se em História Ambiental.
LICENCIANDA 12⁸

Essa oficina e as narrativas confirmam a urgência e importância estratégica da formação de professores, inicial e continuada, e que encontra no PIBID um contexto potente para sua realização. Mas formação que efetivamente contribua para ao reconhecimento e afirmação da docência como profissão para o que o ensino de história assume lugar estratégico ao possibilitar a compreensão da escola e seus profissionais como intelectuais públicos.

6. Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

_____. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica.** Natal: Ed. UFRN; Porto Alegre: PUCRS; Salvador: Uneb, 2012. p.71-94.

⁸ Os nomes utilizados na narrativa são fictícios.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma Teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

GRACE COSTA, Viviane. **A luta entre narrativas: desafios e perspectivas do Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ**. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília, DF, 2017. http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502837306_ARQUIVO_GRACECOSTA ANPUH2017.pdf- Disponível em 12/09/2017.

GOODSON, Ivor. **Políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições** / Ivor Goodson; org. e trad. Raimundo Martins e Irene Tourinho. – Goiânia: Cegraf, 2007. 149 p. – (Coleção Desenredos)

MONTEIRO, A. M. F. C. “Aulas de História: questões do/no tempo presente”. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n.58, out/dez 2015. (165-182)

_____. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. **História, pra que te quero História**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Rio de Janeiro: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Ensino de História, 2013 [texto digitado].

MONTEIRO, A. M. F. C.; AMORIM, M.de O. **Potencialidades das “narrativas de si” em narrativas da história escolar**. Revista História Hoje. São Paulo, Brasil, v.4, n.8, p.15-31, jul-dez 2015.

MONTEIRO, A. M. F. C.; PENNA, Fernando de Araújo. **Ensino de história: saberes em lugar de fronteira**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.36, n.1, 2011.

NÓVOA, Antônio. **O Processo Histórico de Profissionalização do Professorado**. In: _____. Profissão Professor. Lisboa: Coleção Ciências da Educação / Porto, 1992, 15- 21.

_____. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Revista de Educación Nº 350: La formación de profesores de Educación Secundaria, España, Septiembre- diciembre 2009. Ministério de Educación, Política Social y Deporte. Disponível 15/07/2017 em http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf

_____. **Palestra: Formação de professores no século XXI e a perspectiva da educação integral** São Paulo, 28 de julho de 2016. Instituto Ayrton Senna: Publicado em 02 de agosto de 2016. Acesso em 7/10/2016. <https://www.youtube.com/watch?v=5ILSaixhT6s>

_____. **Palestra: Antônio Nóvoa no Instituto Singularidade. Publicado em 2 de agosto de 2016**. [https://www.youtube.com/watch?v=cspa-nqCF3Y](https://www.youtube.com/watch?v=cspa-nqCF3Y;);

REIS, J. C. **Tempo, História e Compreensão Narrativa em Paul Ricoeur**. Locus, vol.12, nº1, jan/jul 2006, pp.28-35.